



METAFÍSICA, ONTOLOGIA E TÉCNICA: PENSANDO CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA MODERNIDADE COM MARTIN HEIDEGGER

Metaphysics, ontology and technique: thinking fundamental concepts of modernity with Martin Heidegger

Cleidson de Jesus Rocha
UFAC

Resumo: É propósito deste artigo discutir o lugar da metafísica, da ontologia e da técnica no pensamento de Martin Heidegger, demonstrando como estas marcas conceituais do pensamento filosófico vêm se desdobrando na modernidade. Para tanto, apresentaremos, de início, a questão do método, que, na visão de Heidegger, se confunde com a questão do ser. Esta compreensão leva-o de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica para uma ontologia hermenêutica. Num segundo momento, exporemos a radicalização de Heidegger do método fenomenológico, através da exposição do cerne de sua obra fundamental, que é *Ser e Tempo*. Em seguida, discutiremos a ciência e a técnica como um prolongamento da Metafísica, constituindo, provavelmente, a sua última possibilidade enquanto realização plena do desejo de representar, colher e transformar o ente. A conclusão ressalta o significado e o questionamento que impõe o pensamento heideggeriano, que se estrutura como um impulso a relativizar visões, ideias e crenças libertando-nos das armadilhas dos sistemas e dos dogmatismos, fazendo-nos compreender que a solução do problema reside na maneira de colocá-lo.

Palavras-chave: Metafísica; Ontologia; Técnica; Heidegger.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the place of metaphysics, ontology and technique in Martin Heidegger's thought, demonstrating how these conceptual marks of philosophical thought have been unfolded into modernity. In order to fulfill it, we will present, initially, the matter of the method, which, in Heidegger's view, is confused with the very matter of the being. This understanding takes him from a phenomenological-hermeneutic approach to a hermeneutic ontology. In a second step, we will expose Heidegger's radicalization of the phenomenological method, by exposing the core of his fundamental work, which is Being and Time. Then, we will discuss science and technique as an extension of Metaphysics, probably constituting its last possibility as a full realization of the desire to represent, collect and transform the being. The conclusion highlights the meaning and the questioning imposed by Heideggerian thinking, which is structured as an impulse to relativize standpoints, ideas and beliefs, freeing us from the pitfalls of systems and dogmatisms, making us understand that the solution to the problem consists in the way we put it.

Keywords: Metaphysics; Ontology; Metaphysics; Technique; Heidegger.

Apresentação

A filosofia heideggeriana está entre as mais sugestivas e marcantes realizações da filosofia ocidental contemporânea, tendo influenciado, sobremaneira, o existencialismo com sua proposta original da primazia do pensamento ontológico, afirmando-se em vários meios e círculos culturais contemporâneos. A relevância e influência da filosofia de Heidegger, com sua proposição original sobre o problema ontológico, a partir de uma radicalização do método fenomenológico, pareceu-nos promissor para explicitarmos o eixo central da crítica ontológica de Heidegger, que reelabora o que significa pensar. Nesse

intuito, discutiremos as noções de ontologia, metafísica e técnica, guiados pelas questões: a) É possível falar de um método estruturador do pensamento de Heidegger? b) Qual a legitimidade e os limites de sua filosofia?

Iniciaremos com a questão do método, na medida em que não se pode falar, propriamente, de método em Heidegger, visto que, nele, o pensar se confunde com a própria questão do ser. É essa questão que o leva a passar de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica a uma ontologia hermenêutica. A partir da questão do nada, que indiretamente aponta para a transcendência do ser, Heidegger afirma as limitações do discurso científico e da filosofia tradicional. Ao mesmo tempo, analisa e questiona a estrutura onto-teológica da Metafísica – essência da filosofia ocidental –, assim como da própria modernidade técnico-científica. Tal estrutura é inadequada para captar a transcendência, pois procede, em última análise, de um racionalismo que esconde e instaura um subjetivismo de fundo: a vontade, por parte do sujeito, de tudo compreender para tudo dominar e integrar.

A seguir, exporemos a crítica de Heidegger a Husserl e a radicalização, por parte de Heidegger, do método fenomenológico através da interrogação hermenêutica das estruturas da existência em busca da relação originária com o ser. Indicaremos, em breves linhas, o percurso feito por Heidegger em sua obra fundamental, que é *Ser e Tempo*: o homem como “ser-aí”, o mundo como seu horizonte, a existência como compreensão, a estrutura do “cuidado”, a vida autêntica e inautêntica e sua circularidade e o papel da angústia.

A conclusão ressalta o significado e o questionamento que impõe o pensamento heideggeriano: é um impulso a relativizar visões, ideias e crenças, a liberar-nos das armadilhas dos sistemas e dos dogmatismos, permitindo-nos, assim, colocar os vários problemas – nossas crises individuais e sociais – no seu lugar mais correto.

O pensar em Heidegger

O pensamento de Heidegger não se estrutura a partir de um método, no sentido de um instrumento de controle do trabalho do pensamento e sua exteriorização na linguagem. Para ele, o método se confunde com a mesma questão da filosofia – a questão do sentido do ser. O método coincide com o próprio movimento do pensamento ao redor da questão ontológica fundamental. Neste ponto, podemos notar uma afinidade com o pensamento de Hegel, para o qual “o método não é outra coisa senão o edifício do todo, erguido em sua pura essencialidade” (STEIN, 1973, p. 16). Afasta-se, porém, Heidegger da postura hegeliana, pois recusa o caráter onto-teológico de toda a filosofia ocidental, incluindo o próprio Hegel. Segundo ele, a subjetividade e o caráter onto-teológico de todo o pensamento ocidental é responsável pelo esquecimento do problema central, o do ser. Portanto, pensar é, em primeiro lugar, abandonar os “caminhos percorridos” do pensar ocidental, da Metafísica, e procurar outros caminhos. Em outros termos, é abandonar os caminhos e seguir sendas de um pensar aberto na ou a partir da ontologia fundamental.

Se podemos falar de método em Heidegger, é do método fenomenológico-hermenêutico. Trata-se de um mergulho da hermenêutica na fenomenologia. Mais propriamente, o caminho por ele seguido consiste em romper com os debates sobre o método, para pôr-se, de súbito, no plano de uma ontologia do ser finito, a fim de encontrar o compreender, não como maneira de conhecer, mas como modo de ser (RICOEUR, 1969, p. 10).

O pensar em Heidegger é um pensar radical que não quer perder-se no problema do método, mas ir logo à questão ontológica fundamental: o sentido do ser. É o que ele diz claramente em *Ser e Tempo*: “Dar um método à compreensão, é ainda permanecer na pressuposição de conhecimento objetivo e nos preconceitos da teoria do conhecimento kantiano. Precisa, pois, deliberadamente, sair do círculo encantado da problemática do sujeito e do objeto, e interrogar-se sobre o ser” (HEIDEGGER, *apud* RICOEUR, 1969, p. 11).

Heidegger proporrá a discussão sobre o ser enquanto tal a partir da interrogação sobre o ser que é o “aí” de cada ser, isto é, sobre o “ser aí”, o ser humano: o ser que existe

sob o modo de compreender o ser. E é justamente esta abordagem hermenêutica-fenomenológica que constituirá a linha de orientação do pensar de Heidegger em sua primeira fase, a de *Ser e Tempo*, e que consiste numa radicalização da fenomenologia Husserliana a respeito da questão do ser. Porque sua meta não é outra senão a da ontologia, melhor dizendo, da ontologia fundamental. Esta é, para ele, a meta do verdadeiro pensar. Todavia, a ontologia só se torna possível, inicialmente, através da fenomenologia, pois somente esta pode, com sua abordagem “fenomenológica” do fenômeno, possibilitar a manifestação do ser do ente (HEIDEGGER, 1951, p. 47). Fenomenologia como ontologia e fenomenologia como hermenêutica: sendo que a abordagem fenomenológica, sempre visando o problema do ser, começa pela analítica do “ser-aí”, dada a sua privilegiada situação onto-ontológica.

Heidegger assume o termo hermenêutico no sentido de ontologia da compreensão. Escreve ele: “O logos da fenomenologia do ‘ser-aí’ possui o caráter do *Hermeneúein* que anunciará a compreensão do ser incluso no ‘ser-aí’, o sentido autêntico do ser enquanto tal e as estruturas fundamentais de seu próprio ser” (HEIDEGGER, 1951, p. 48). O hermenêutico é o elemento ontológico da compreensão que encontramos no “ser-aí”, sendo o “ser-aí”, de fato, movimentado sempre numa compreensão, ou melhor, numa pré-compreensão do próprio ser. Assim, de uma fenomenologia hermenêutica, o pensamento heideggeriano passará, aos poucos, a desdobrar-se como ontologia hermenêutica.

Em *Ser e Tempo* o seu pensamento visa a explicitação das estruturas existenciais do “ser-aí”, analisando o homem enquanto “abertura” para o ser. Mais tarde Heidegger orienta sua atenção para o próprio ser enquanto emerge na “clareira” que ele instaura no homem. “Em *Ser e Tempo* as considerações se concentram sobre o ‘aí’, enquanto lugar em que o ser se manifesta. Depois, a meditação se volta para aquele que é a fonte do “aí”. O sentido do ser, tomado como meta, é o próprio ser enquanto instaura o “aí” no homem, como clareira em que o ser se manifesta; o sentido do ser é a verdade do ser” (HEIDEGGER, 1951, p. 98).

Doravante, o pensar de Heidegger “desiste” do método fenomenológico. Deixa esse caminho, também em parte “percorrido” e avança através das sendas “perdidas” da interrogação mediante a escuta silenciosa. Descobre que o ser se explicita como acontecimento, presença, no velamento e desvelamento e se revela na linguagem.

A linguagem passa, então, a ocupar lugar destacado no meditar heideggeriano. Linguagem como novo centro da relação ser-homem. Sobretudo a poética em que se manifesta melhor, graças ao simbólico, o mistério da “diferença ontológica”. Aquele que fala, agora, na linguagem, não é o homem, mas o ser, sendo o poeta e o pensador os seus mediadores, preparados a acolher o “impensado” do pensamento e a dimensão do sagrado.

O pensamento que anima Heidegger se define como o engajamento para ser e pelo ser. Vejamos, a seguir, as articulações do pensar heideggeriano, através de suas várias etapas, buscando captar seu sentido e sua mensagem fundamental.

Metafísica e Ontologia: a questão metafísica fundamental

Na preleção de junho de 1929, *Que é Metafísica*, Heidegger, procurando introduzir seus ouvintes e leitores em seu pensamento, de forma persuasiva, clara e sintética, inicia propondo-lhes a seguinte questão: “Por que há simplesmente o ente e não antes o nada”? Para ele esta é a questão metafísica fundamental porque é a mais ampla que pode existir, a mais profunda e a mais originária (HEIDEGGER, 1987, p. 35). Apesar disso, Heidegger sabe que a questão formulada na segunda parte do enunciado, “e não antes o nada”, vai aparecer “ilógica” e, por isso, indigna de ser tomada em consideração pela ciência. Esta se ocupa somente do ente. “O nada – que outra coisa poderá ser para a ciência, senão horror e fantasmagoria”? (HEIDEGGER, 1969, p. 25). À lógica, o acréscimo “e não antes o nada”, parece “um apêndice”, um floreio, adorno inútil (HEIDEGGER, 1987, p. 52). Portanto, não só é ilógico falar do nada como também anticientífico. Por que então Heidegger formula a

questão com esse “não antes o nada”?¹ Por que coloca o problema do nada e não simplesmente o do ente? Tem um motivo fundamental. De fato, esta formulação, que desafia a lógica e a ciência, permite-lhe acentuar os limites do pensamento lógico e científico e, ao mesmo tempo, colocar a questão do sentido do ser numa forma vigorosa e penetrante.

Se se colocasse a questão somente perguntando sobre o ente, correr-se-ia o perigo de fechar-se à investigação sobre o horizonte do ente, procurando a razão doente em um outro superior; fugir-se-ia à questão fundamental do ente enquanto tal em sua totalidade: a questão do sentido do ente. Formulando a questão com o acréscimo “e não antes o nada”? esse acréscimo não só impede que se agite a questão apenas no domínio do ente, mas também “põe o ente em questão dentro da própria possibilidade de não ser” (HEIDEGGER, 1987, p. 52). Posta a questão nestes termos, o ente começa como que a perder sua consistência: “começa a oscilar”, diz bem Heidegger, e “o arco dessa oscilação se estende até as raíais extremas e máximas da possibilidade contrária”, isto é, do não ser, do ser nada; a procura do “por que” adquire um outro sentido: não visa apenas trazer uma razão explicativa objetivamente dada para o que é objetivamente dado, mas visa a descoberta de um fundamento, através do qual o ente possa superar o não-ser: o nada.

O acréscimo “e não antes o nada”, não só não é um apêndice supérfluo, mas é, justamente, a frase que confere toda a profundidade e peso à questão, colocando-a além do horizonte do ente para penetrar no mistério do ser. O acréscimo permite formular a questão numa dimensão verdadeiramente metafísica, no sentido mais originário desta palavra: por que o ente é, enquanto poderia também não ser? Por que “insiste no ser, embora nunca tenha ultrapassado e superado a possibilidade de não ser”? (HEIDEGGER, 1987, p. 58).

Colocado frente ao problema do ente, em sua possibilidade de não ser, deparamo-nos com o problema do Nada. O nada heideggeriano não é algo sem sentido. Não é o nada como o concebe, em geral, a metafísica clássica: o não-ente ou matéria informe. Não é também nada da dogmática cristã, pela qual “passa a significar a absoluta ausência do ente fora de Deus” (HEIDEGGER, 1969, p. 40). Nem é o nada do niilismo. O nada heideggeriano é o abismo sobre o qual, suspenso, flutua o ente, o abismo frente ao qual o “ser-ai” interroga-se sobre o ser, abismo que impede o “ser-ai” de ver o seu fundamento.

O conceito do nada, em Heidegger, é algo fundamental. O “estar suspenso” do “ser-ai”, nesse abismo do nada, nesta tremenda possibilidade de não ser, frente ao mistério que envolve o ser, é o ultrapassar do ente em sua totalidade: é a transcendência, é o ir além do ente enquanto tal, para tentar compreendê-lo em sua origem. A questão do nada nos encaminha, assim, para a transcendência e nos abre ao problema do ser.

Desta postura nasce uma série de perguntas: o que é este ser do ente? O ente e o ser serão a mesma coisa? Desta forma Heidegger comenta que essa formulação “nos obriga à questão preliminar que a antecede: que há com o ser?” (HEIDEGGER, 1969, p. 70). Assim, em virtude da questão do nada, somos colocados frente ao problema do ser em todo o seu mistério: rodeados por toda parte de entes, que nos subjugam, encantam, satisfazem, elevam e decepcionam, com tudo isso, não sabemos onde está, em que consiste o “ser” destes entes. “Tudo quanto mencionamos: uma grande tormenta, uma cordilheira de montanhas, um portal de uma igreja romântica, uma pintura de Van Gogh, etc., sem dúvida é e, todavia, ao querermos apreender o ser, ocorre-nos como se pegássemos no vazio. O ser, que investigamos, é quase como o nada” (HEIDEGGER, 1969, p. 62-63).

O que há com o ser? É “algo” – pergunta-se Heidegger – ou apenas uma palavra vazia, um erro, um “vapor”, como dizia Nietzsche, uma ilusão? (HEIDEGGER, 1969, p. 63). Heidegger observa que a palavra ser, para nós, modernos, não indica mais nada. De fato,

¹ O nada na obra de Heidegger exerce a função de possibilitar ao ser humano uma relação com a totalidade do ente. Nela o nada é imprescindível na medida em que é através dele que o ser-ai humano entra em relação com o ente em sua totalidade. Daí se extrai o papel importante do nada em sua ontologia. Deve-se, contudo, destacar que esta questão, assumida por Heidegger, já se encontra em Parmênides, tendo sido formulada por Leibniz, de quem Heidegger toma emprestado a formulação, para dispensar atenção em *Ser e Tempo*.

a ciência investiga o ente (HEIDEGGER, 1969, p. 24) e a filosofia não se interroga mais sobre o problema do ser (HEIDEGGER, 1951, p. 11).

Com certa ênfase, Heidegger afirma o limite da investigação científica e filosófica. “A investigação científica, escreve, destaca e fixa os domínios das coisas de uma maneira ingênua e rudimentar” (HEIDEGGER, 1951, p. 18). E explica: “a referência ao mundo, que impera através de todas as ciências enquanto tais, faz com que elas procurem o próprio ente, para, conforme seu conteúdo essencial e seu modo de ser, transformá-lo em objeto de investigação e determinação fundante” (HEIDEGGER, 1951, p. 18). Ora, “em tão objetiva maneira de perguntar, determinar e fundar o próprio ente, realiza-se uma submissão peculiarmente limitada ao próprio ente” (HEIDEGGER, 1969, p. 23). A ciência, pois, limita-se a ser uma coleta de dados objetivos de um determinado ente, sem partir para perguntar-se, também, sobre as estruturas que o fundam. É daqui, de resto, que ocorre a crise das ciências, hoje à procura de seus conceitos fundamentais, e que nasce o perigo da ciência reduzir-se a um tecnicismo vazio (HEIDEGGER, 1951, p. 19).

Ao pensamento exato e calculador usado pela ciência, que se prende unicamente ao cálculo do ente, e a este servindo exclusivamente, deve-se antepor um outro pensamento, que Heidegger classifica de fundamental, isto é, “aquele cujos pensamentos não apenas calculam, mas são determinados pelo outro do ente” (HEIDEGGER, 1969, p. 53-54).

Se a investigação científica não é assim penetrante e profunda, deve-se dizer a mesma coisa da investigação filosófica. Logo no início do *Ser e Tempo*, Heidegger observa que Platão se declarava perplexo diante da expressão “ente” e mostra como nós, hoje, não só não dispomos de uma resposta satisfatória capaz de explicá-lo, mas nem sequer ficamos perplexos diante disso (HEIDEGGER, 1951, p. 10).

A razão desta atitude, segundo ele, está no fato de que o pensamento ocidental aceitou as investigações feitas pelos pensadores gregos sobre o assunto, não como eventuais pistas e estímulos, mas como definitivas, consagrando-as e fixando-as em dogmas “de forma que o que era algo de oculto e manteve na inquietude o filosofar da antiguidade sumiu e se converteu numa coisa compreensível por si mesma e então clara como o sol, a tal ponto, que tacha-se de erro metódico o propor o problema” (HEIDEGGER, 1951, p. 11).

O ser, desde então, passou a conceber-se como o mais universal, indefinível e, ao mesmo tempo, compreensível dos conceitos. Contentando-se com essa explicação, construiu-se depois, em cima dela, toda uma ontologia. Desinteressou-se pela investigação sobre o fundamento do ente e o sentido do ser. E, esquecido o fundamento e dado o ente como óbvio, investigou-se o ente somente em suas várias categorias.

Impasses da Metafísica

De Platão à Nietzsche, segundo Heidegger, a Metafísica apresenta-se como um questionamento do ser através da exploração dos entes. Ao longo da história ocidental ela desenvolveu-se em formas diversas e definiu de maneira diferente o ser do ente: o definiu como Natureza, Um, Ideia, Ato, Substância, Sujeito. Ela é a história do ser, velando-se e desvelando-se através de diferentes sistemas conceituais. Não pode ser reconstruída como sucessão lógica num processo integrativo. Cada “figura”, cada sistema tem uma inteligibilidade e necessidade própria, correspondente a sua conjuntura histórica particular. Por isso nós não dispomos de critérios ou escala de medida para restabelecer uma hierarquia. Todavia, sem menosprezar as diferenças, de resto significativas, que separam os diversos sistemas conceituais, é possível notar e indicar um projeto fundamental que dá sua unidade profunda a toda filosofia ocidental (HEIDEGGER, 1973, p. 394). Esta unidade deriva do fato de que cada grande pensamento, na situação determinada de sua época e com instrumentos conceituais diferentes, tenta colher o ente como tal e na sua totalidade em relação ao seu ser. Visando explicitar o que faz um ente ser o que é, a Metafísica pode ser qualificada funcionalmente de essencialista: ela procura

colocar em evidência o que permite ao ente em geral ser representado de maneira objetiva e assim fundada na verdade, no âmbito daquilo que ela assume como ser.

É tal colocação que Heidegger questiona e critica. De fato, pretendendo e acreditando indagar e descrever o ser e a sua verdade, o pensamento, fixado nesta perspectiva, fica centrado, somente sobre o ente, tornando-se incapaz de referir-se de forma não representativa ao ser (HEIDEGGER, 1969, p. 66). O pretense ser investigado pela Metafísica revela-se ser o que é investigado, sobre o modo da casualidade e do fundamento e nunca o ser em si e por si mesmo.

Qualquer que seja a forma do processo conceitual sob o qual a causalidade é interpretada (ôntica ou ontológica, transcendental ou especulativa), trata-se sempre, essencialmente, de procurar o que é no esquecimento fundamental daquilo que não é “nada” do ente (HEIDEGGER, 1969, p. 67).

Penetrando na investigação da estrutura da Metafísica, Heidegger chega a explicitar, mais precisamente, o seu aspecto ontológico e teológico (HEIDEGGER, 1969, p. 76). Na investigação das estruturas fundamentais e do último sentido do ente como tal, o pensamento ocidental tornou-se primariamente investigação sobre aquilo que é “fundamental” no ente enquanto tal. Assumiu a força de onto-logia: ciência sobre o que há de comum e universal no ente. Mas enquanto investigação que tenta encontrar um apoio último e uma razão última, ela é teo-logia, quer dizer, ciência que inquirir sobre o ente enquanto tal, ou seja, enquanto se refere ao ente primeiro e superior. Desta forma, anteriormente e independentemente de cada religião, a Metafísica tem um aspecto teológico e é compreendendo esse aspecto que se pode compreender também como Deus entra na filosofia.

Enquanto procura esse fundamento explicativo e último, a Metafísica é, necessariamente, teológica e, mais do que pelo seu conteúdo, o é pela sua estrutura. O Deus que aparece neste pensamento mostra-se sob o ângulo do fundamento racional, numa perspectiva de uma razão causal.

O que conjuga o discurso sobre o ser e Deus é o logos comum que se traduz na procura do fundamento primeiro na ordem do ser, e, ao mesmo tempo, da razão última na ordem do saber. O ser procurado pelo pensamento metafísico é, pois, uma presença permanente, uma verdade estável, um fundamento disponível que permita justificar o real em suas mudanças e contradições aparentes. Subjacente a esta maneira de pensar pode-se descobrir a perspectiva de um mundo ordenado e fundado, explicado e justificado de forma absoluta: trata-se da procura da “arché”.

Nesse tipo de pensamento, o homem quando pensa o ser, Deus, o Espírito, os pensa a partir e em vista de si mesmo, os pensa dentro de uma representação lógica a partir de uma postura antropocêntrica, isto é, de um sujeito que procura tudo compreender para tudo dominar e integrar. Em outras palavras, Heidegger descobre que o racionalismo esconde o subjetivismo que traz, desde as origens e acaba por instaurá-lo definitivamente. Observa, pois, uma linha de continuidade entre Aristóteles, Kant e Hegel, uma continuidade entre objetivismo naturalista antigo e a moderna filosofia do Espírito, embora essa se entenda sob a perspectiva idealista (BATTAGLIA, 1967, p. 47).

A técnica como continuação da Metafísica

A Metafísica em seu itinerário ao longo da história, assume várias formas, mas sob uma idêntica perspectiva de fundo. O mesmo pode-se dizer no que diz respeito às ciências e a técnica.

Conquistada sua autonomia, a ciência e a técnica tomaram por objetivo a exploração e a análise rigorosa do ente, ou melhor, de certas regiões ou setores do ente, diversificando-se em diversas ciências, todas positivas e particulares, que chegam à cientificidade, delimitadas em seu campo e em seu método.

Diversificadas, são, porém, unidas por uma perspectiva comum: a que procura estabelecer as leis que regem os diversos fenômenos estudados graças a um pensamento de tipo operacional e calculador. Aquilo que anima e funda o projeto técnico-científico é

uma maneira de apreender o ser exclusivamente sob a forma de representação e do fundamento lógicos da razão eficaz.

Essa modernidade técnico-científica, longe de não ter relacionamento com a história da Metafísica, é a própria Metafísica, levada ao seu ponto extremo. Coloca-se na linha de toda uma tradição cultural que, esquecendo o sentido do ser, deixa-se fascinar somente pela força do ôntico, numa vontade de dominação e de transparência lógica.

A ciência e a técnica, pois, se apresentam como um prolongamento da Metafísica, constituindo, provavelmente, a sua última possibilidade. Apesar das aparências em contrário, a emancipação por parte da ciência e da técnica da filosofia não é maior do que a realização plena do desejo de representar, colher e transformar o ente: metas essas e orientação características e fundamentais, desde sempre, da filosofia enquanto Metafísica.

A um olhar crítico nota-se, pois, que a ciência e técnica, organização econômica e política, campos e áreas que se pensavam definitivamente livres da onto-teologia, não fazem mais que levar adiante, ao extremo, o desejo eminentemente onto-teológico da racionalidade da Metafísica. E assim a modernidade apresenta-se como o desdobramento extremo do esquecimento do ser na atenção extrema aos entes.

Tudo isso, porém, não fica sem consequência. A modernidade, animada por uma razão explicativa e eficaz que esqueceu a referência ao ser, chega ao impasse de situações e limites graves. Heidegger aponta algumas: uniformização e gregarismo, desenraizamento, a perda do sentido daquilo que é próximo e familiar, o frenesi da organização e a falsa segurança posta no cálculo e na planificação, o ciclo infernal da produção e do consumo (HEIDEGGER, 1969, p. 64).

Concluindo com a palavra de Anaximandro, assim expressa-se Heidegger: “O homem está no posto de se jogar sobre a terra toda a sua atmosfera, de usurpar e atacar, sob forma de forças, o reino secreto da natureza e de submeter o curso da história à planificação e à ordem de um governo planetário. Esse mesmo homem revoltado está sem condições de dizer em toda simplicidade o que é” (HEIDEGGER, 1962, p. 303).

Nesse contexto de hiperdesenvolvimento do saber-representação e do poder-dominação, o homem acaba na perda do sentido.

Considerações Finais

São muitos aqueles que manifestam uma atitude acentuadamente crítica à filosofia de Martins Heidegger, geralmente visto como o filósofo do niilismo ou de orientação pseudomística que foge às questões reais, ou como o filósofo que rejeita a noção tradicional de valor e de transcendência e que reduz o homem ao horizonte limitado do mundo aqui. Não pretende Heidegger apresentar-nos um sistema de pensamento novo, mas fazer-nos compreender que a solução do problema reside na maneira de colocá-lo. O primeiro papel da filosofia é de ajudar-nos a pensar.

Frente às crises do mundo contemporâneo, não se trata tanto de analisar as causas das crises, quanto de decifrar sua significação. Para Heidegger a doença do mundo contemporâneo não se situa no plano de agir, mas do ser.

A filosofia de Heidegger não apresenta resposta direta ao problema da crise que abala a visão de mundo do homem contemporâneo. Pretende, todavia, colocar a questão mais essencial que nos deveria permitir ultrapassar as interrogações particulares nas quais projetamos nossa insegurança e medo. Primeira etapa para compreender tal questão é relativizar nossas visões, ideias e crenças. Nossa representação e nossa linguagem se introduzem, de fato, entre o nosso pensamento e o mundo real e se erigem em norma absoluta da verdade. Daqui derivam os vários positivismos e dogmatismos, as várias formulações da metafísica. Para evitar identificar nossa perspectiva particular sobre as coisas, devemos reencontrar a densidade original do ser, encoberta pelas variações da ideia e pela astúcia do desejo.

Fácil é deixar-nos seduzir pelo poder criador da abstração ou pela magia da palavra. Urgente é, pois, reencontrar, além das ideias ou palavras, o que faz o peso das coisas, o que é o centro da gravidade do homem. Caso contrário vive-se na superfície da

realidade, esclerosados no universo da banalidade e tagarelice cotidiana, que nivela os seres e as coisas paralisando toda interrogação e topo estupor.

Deixar os caminhos percorridos da Metafísica e seguir os caminhos perdidos, aparentemente sem saída, é o convite de Heidegger. Seguindo esses caminhos aparentemente sem saída, o pensamento liberta-se dos seus pressupostos demasiadamente estreitos e das armadilhas dos sistemas metafísicos fechados. Não é essa uma simples estratégia, um puro processo metodológico. É, antes, uma exigência para colocarmo-nos, de forma correta, frente à questão do ser, cujo sentido continuamente nos foge. Em verdade, nós estamos sempre longe de nós mesmos e o *divertissement* da existência inautêntica é, menos uma fuga, do que uma maneira desajeitada de remediar a essa separação ontológica. O questionamento heideggeriano do homem enraíza-se nessa separação ou diferença ontológica que é a mais fundamental e constitutiva. Na radicalização dessa questão está a profundidade e a originalidade de Heidegger.

Referências

- BATTAGLIA, Felice. *Heidegger e la Filosofia dei Valori*. Il Mulino, Bologna, 1967.
- HEIDEGGER, Martin. *El Ser y el Tiempo*. Fondo de Cultura Económica, México, 1951.
- _____. *Chemins que mènent nulle parte*. Gallimard, Paris, 1962.
- _____. *Ser e tempo* (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Identidade e Diferença*. In: Os Pensadores, Sartre e Heidegger. Abril, São Paulo, 1973. Vol. XLV
- _____. *Introdução à Metafísica*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1987.
- _____. *Que é Metafísica*. Duas Cidades. São Paulo, 1969.
- _____. “Conferências e escritos filosóficos”. In: *Que é metafísica?* (1929). Tradução de Ernildo Stein, São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Le conflit des interprétations*. Seuil, Paris, 1969.
- STEIN, Ernildo. *A questão do Método na filosofia*. São Paulo. Duas cidades, 1973.

Doutor em Filosofia pela UGF-RJ (2005);
Pós-doutorado em Filosofia Contemporânea pela FFLCH/USP (2018-2019);
Professor Adjunto do Centro de Educação e Letras da UFAC,
Professor do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens
E-mail: cleidson.ufac@gmail.com